

A NÁUSEA DO BEM

15-12-59 (Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Há certa casta de alma que não pode suportar o espetáculo da nobreza ou da grandeza; e não descança enquanto não arranja uma explicação engenhosa, maliciosa, que julga ser o pináculo da finura, que venha reduzir aquele intolerável fenômeno às dimensões do seu mundo usual, onde os passos são medidos pelos interesses, onde ninguém quer ser palmatória do mundo e cada um trata de si e Deus de todos. Todos nós somos mediocres se nos compararmos aos santos, todos nós vivemos na triste sujeição do pecado e na feia dependência do amor próprio, mas é justo reconhecer que dentro desse mesmo planisfério da mediocridade humana, há uns que mantêm intacta a faculdade de admirar, de desejar perfeição maior e de sentir a nostalgia dela enquanto a não possuem. Outros — e é desses que aqui trato — pretendem ao contrário salvar-se pela mediocridade oficial da Via Lactea, do Sistema Planetário e de toda a Humanidade. O orgulho em grau maior impede a visão do que é bom e grande, aguçando complementarmente a visão do que é mau e torto. Não podem esses admitir que a explicação de tal ou qual episódio, a par de sua espessa composição material, esteja do lado das coisas do espírito. Se fa-

zem filosofia, ensinam a parte inferior da realidade; se praticam a história, a sociologia, a economia, ou outra ciência humana, ensinam que as guerras são produzidas pelos fatores econômicos e que tudo se eóplica pelo que o homem tem em comum com os animais, ficando à razão espiritual a incumbência de inventar as armas mortíferas para as ditas guerras. Se vivem nas atividades políticas, professam um fino e aguçado ceticismo para tudo o que possa de longe lembrar uma remota idéia de nobreza, despreendimento, dedicação ao bem comum, generosidade, e as demais virtudes que tornam o homem divino como diziam os antigos. Entende-se bem como deve ser incômodo para os que vivem da soma de parceladas safaquezas — como por exemplo os irmãos de deputados, de ministros, de governadores, e os cunhados dos presidentes, e os sobrinhos, e os demais parentes dos parentes dos deputados, dos ministros, dos governadores, etc.. etc. que vão buscar na Legião Brasileira de Assistência o dinheiro que não ganharam honradamente, que vão receber mensalmente 14.000 cruzeiros em alguns casos (incluindo o da irmã de um deputado que defendeu arduosamente a atual administração da LBA) e 21.000 cruzeiros em outros, acrescidos do extra-fixo, que é um adicional equivalente ao das horas extraordinárias de quem já completou seu horário de trabalho — entende-se bem como deve ser incômodo para esses a simples hipótese de existir gente capaz de recusar tais expedientes ainda que à custa de duros sacrifícios. Eles não acreditam. Eles precisam não acreditar. Tem importância vital para eles essa incredulidade que chamam de experiência da vida e que é uma espécie de prostituição da sabedoria... Releve-me o leitor estas meditações deslocadas, e aplique-as onde lhe parecer que ficam bem.